**EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR DESEMBARGADOR PRESIDENTE
DO EGRÉGIO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO-SP-À
CÂMARA RESERVADA AO MEIO AMBIENTE**

**REINTEGRAÇÃO/MANUTENÇÃO DE POSSE Nº 1020316-19.2014.8.26.0554
REQUERENTE: ESTADO DE SÃO PAULO
REQUERIDO: PAULO ROBERTO SCARINGE E OUTROS**

O ESTADO DE SÃO PAULO, por sua bastante procuradora, que esta subscreve, com local de trabalho na Procuradoria do Patrimônio Imobiliário, com endereço à Praça da Sé, nº 270, Capital de São Paulo, não se conformando “data venia” com decisão proferida pelo D. Juízo da 1ª Vara da Fazenda Pública da Comarca de São Paulo, proferida nos autos da **AÇÃO DE REINTEGRAÇÃO DE POSSE COM PEDIDO DE LIMINAR** que a Recorrente move contra **PAULO ROBERTO DE SCARINGE, SERGIO SALLES TANCREDO, HUMBERTO SOARES CANTINHO, DOUGLAS PORSSEBON RIGO, ROBERTO LOYOLA DA VISITAÇÃO e ANDERSON MARCHIORO VASQUES**, (Processo nº 1020316-19.2014.8.26.0554), vem interpor

**AGRAVO DE INSTRUMENTO COM PEDIDO
DE EFEITO SUSPENSIVO ATIVO**

em face da decisão que indeferiu o pedido liminar de reintegração de posse do imóvel objeto dos autos, nos termos do artigo 522 e 524, e seguintes, do Código de Processo Civil, a fim de que a matéria seja apreciada e julgada por esse E. Tribunal, como de direito.

Nos termos do artigo 525, do CPC, informa que está instruindo o recurso com cópia dos autos digitais, a qual é declarada autêntica pela Procuradora que esta subscreve, nos termos da Lei 10.325/2001.

Ainda nos termos do artigo 525, do CPC, relativamente às **PROCURAÇÕES outorgadas aos procuradores das partes**, esclarece o seguinte:

- a relativamente à AGRAVANTE, deixa de juntar cópia do mandato ao subscritor desta, em virtude do exercício do cargo por nomeação, de Procuradora do Estado;
- b relativamente ao procurador dos AGRAVADOS, junta a procuração, tendo como outorgantes Paulo Roberto Scaringe, Humberto Juarez Cantinho, Douglas Porssebon Rigo, Roberto Loyola da Visitação, Anderson Marchioro Vasques, Sergio Salles Tancredo e como outorgada Heliane P. S. Susigan Almeida, OAB/SP 273.833.

A cópia dos autos digitais é constituída pelas seguintes peças extraídas

- Fls. 1 a 13, petição inicial
- Fls. 14 a 70, documentos
- Fls. 73 a 77, contestação
- Fl. 258, procuração dos agravados
- Fl. 156, petições diversas
- Fls. 157 a 164, documentos
- Fl. 165, despacho de remessa dos autos
- Fl. 166, despacho em que suscitado conflito de competência
- Fls. 260 a 261, decisão indeferindo a liminar
- Fl. 265, certidão de publicação da decisão
- Fls. 266 a 267, embargos de declaração
- Fls. 268 a 271, réplica
- Fls. 274 a 275, decisão rejeitando os embargos declaratórios
- Fl. 276, certidão de publicação da decisão
- Fl. 282, ofício Relator Desembargador Camargo Aranha Filho
- Fl. 283, decisão de remessa dos autos à 2ª Vara para resolução das questões urgentes

Termos em que, com as razões de recurso inclusas, requerendo seja a questão apreciada por esse E. Tribunal.

Pede deferimento.

São Paulo, 18 de dezembro de 2014

JULIA CARA GIOVANNETTI
Procuradora do Estado
OAB/SP N^o 234.469

REINTEGRAÇÃO MANUTENÇÃO DE POSSE

Nº 1020316-19.2014.8.26.0554

REQUERENTE: FAZENDA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO**REQUERIDO: PAULO ROBERTO SCARINGE E OUTROS****RAZÕES DE AGRAVO DE INSTRUMENTO**

Egrégio Tribunal,

Colenda Câmara Reservada do Meio Ambiente,

Doutos Desembargadores.

A r. decisão interlocutória de fls. dos autos de 1ª instância, escudada em anterior deliberação, pelas razões adiante aduzidas, merecerá total reforma, inclusive, e antecipadamente, com atribuição de efeito suspensivo ao presente recurso.

I - BREVE SÍNTESE DA LIDE

Trata-se de Ação de Reintegração de Posse com pedido liminar ajuizada pelo Estado de São Paulo em face de Paulo Roberto Scaringe, Humberto Juarez Cantinho, Douglas Porssebon Rigo, Roberto Loyola da Visitação, Anderson Marchioro Vasques, Sergio Salles Tancredo para desocupação dos imóveis situados no interior do Parque Estadual Chácara da Baronesa.

A respectiva ação foi distribuída ao Douto Juízo da 2ª Vara da Fazenda Pública da Comarca de Santo André, o qual determinou a remessa dos autos ao Juízo da 1ª Vara da Fazenda Pública da Comarca de Santo André, por reconhecer a sua conexão com o processo nº 1020439-17.2014, originário daquela Vara. O referido juízo suscitou conflito de competência (Processo nº 0078227-19.2014.8.26.0000). Em 12.12.2014, o Relator Desembargador Camargo Aranha Filho, da Câmara Especial do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, determinou a resolução das questões urgentes pelo Juízo suscitado (2ª Vara) até decisão final do referido conflito.

O Estado de São Paulo é legítimo proprietário do Parque Estadual “Chácara Baronesa”, localizado na divisa do Município de Santo André com São Bernardo do Campo, imóvel com metragem de 340.990m² (trezentos e quarenta mil novecentos e noventa metros quadrados), inscrito no 1º Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Santo André sob matrícula nº 6.195.

O referido imóvel foi tombado pelo Decreto Estadual nº 24.932, de 24 de março de 1986, sendo considerado pelo CONDEPHAAT patrimônio histórico e de proteção ambiental, possuindo espécies nativas da Mata Atlântica, eucaliptos, ciprestes, coqueiros e palmeiras antigas, um verdadeiro pulmão verde inserido no meio urbano.

Com a edição da Lei Estadual 5.745, de julho de 1987, o local foi reconhecido como Área de Preservação Ambiental (APA). Em 31 de agosto de 2001, com a Lei Estadual 10.861, a área foi qualificada como Parque Estadual “Chácara da Baronesa”, cuja administração é exercida pela Coordenadoria de Parques Urbanos do Estado de São Paulo em conformidade ao Decreto nº 57.993 de 02/04/2012.

No Plano Diretor do Município de Santo André, Lei Municipal nº 8.696/2004, a área é delimitada como Zona Especial de Interesse Ambiental (ZEIA), cujo principal finalidade é a preservação e recuperação de suas características ambientais.

A área do Parque possui em seu interior 5 (cinco) imóveis irregularmente ocupados pelos agravados, policiais aposentados e seus parentes, os quais desprovidos de qualquer tipo de autorização, ali passaram a morar com se donos fossem. Nota-se, pelas fotos juntadas, a péssima condição de conservação e manutenção dos imóveis, comprometendo, inclusive, a condição da área como patrimônio histórico e de proteção ambiental.

Os referidos imóveis foram cercados e protegidos por cães ferozes, coibindo a entrada e a permanência de qualquer pessoa nas suas proximidades, o que restringe a visitação dos usuários do Parque e dificultando a sua administração.

Desde junho de 2012, a atual gestão do Parque tenta solucionar pacificamente a contenda, mas os réus se recusam a deixar os imóveis. Em verdade, quando abordados os réus reagiram agressivamente, condicionando a desocupação ao recebimento de indenização.

Por essa razão, o autor, em 11 de agosto de 2014, notificou judicialmente os réus (Processo nº 3013345-18.2013.8.26.0554), requerendo a desocupação dos imóveis no prazo de 30 dias, sem sucesso, razão pela qual se propõe a presente Ação de Reintegração de Posse.

Em 01 de setembro de 2014, foi distribuída a contranotificação judicial nº 1036145-88.2014.8.26.0053, promovida pelos réus em face da autora, alegando sucintamente que: a) a ocupação dos imóveis não é fruto de invasão; b) os cinco imóveis têm existência pretérita à sua ocupação fazendo parte do acervo do Parque; c) os imóveis não se encontram em péssimas condições a ponto de comprometer o patrimônio histórico e ambiental da área; d) a impossibilidade de saída dos imóveis no prazo da notificação da Fazenda Pública; e) os demandados nunca

agiram com intimidação ou agressividade contra funcionários que, também, nunca teriam os abordado; f) a ausência de impedimento da circulação de visitantes, senão dentro das respectivas residências.

A inércia dos agravados na desocupação do imóvel até a presente data, sem qualquer título que lhes garanta a posse, ocupação por isso clandestina e irregular, caracteriza o **ESBULHO POSSESSÓRIO**, conferindo à Administração o direito de reaver o imóvel por meio de Ação de Reintegração de Posse para obter do Judiciário o provimento jurisdicional de tutela reintegrativa, nos termos do art. 1.210, do Código Civil, combinado com o artigo 926 do Código de Processo Civil.

O Douto Juízo da 1ª Vara da Fazenda Pública de Santo André, entendendo pela ausência de risco de dano irreparável ou de difícil reparação, indeferiu o pedido de liminar de reintegração de posse, ressalvada a proibição dos autores na introdução de qualquer nova modificação na área ocupada, sob pena de multa diária de R\$ 100,00 (cem reais).

Contra essa decisão a ora agravante opôs embargos declaratórios, os quais restaram rejeitados, mantendo-se na íntegra a decisão interlocutória ora referida.

É contra a decisão que se volta o presente recurso, ao qual deverá ser dado provimento, como restará amplamente demonstrado.

II - DA NECESSIDADE DE INTERPOSIÇÃO DE AGRAVO POR INSTRUMENTO.

Há de esclarecer que, consoante o artigo 522 do Código de Processo Civil, será admissível o agravo de instrumento quando se tratar de decisão suscetível de causar à parte lesão grave e de difícil reparação, bem como nos casos de inadmissão da apelação.

No caso em apreço, existe o risco de lesão de difícil reparação, pois a manutenção do indeferimento da liminar impede a utilização pública de bem público de uso comum do povo, desvirtuando a própria destinação do Parque Estadual “Chácara da Baronesa”, dotado de valor ambiental e caracterizado como Área de Proteção Ambiental, parque urbano e de lazer.

A permanência dos agravados no Parque privatiza bem público de uso comum do povo impedindo a livre circulação de pessoas, em afronta ao princípio da função socioambiental da propriedade, assegurado pelos artigos 5º, inciso XXIII e 170, III da Constituição Federal.

Dessa forma, torna-se imperioso o cabimento do agravo de instrumento para a reforma da decisão interlocutória combatida.

III - DA DECISÃO AGRAVADA

Segundo exposto na fundamentação da r. decisão agravada:

“o ato de detenção atribuído aos demandados é exercido há muitos anos e a área ocupada destina-se à moradia, não havendo, ainda notícia de agravamento recente da intervenção no meio ambiente e produção de dano ao Parque Estadual “Chácara da Baronesa”

IV - DAS RAZÕES DE REFORMA DA DECISÃO AGRAVADA

A decisão interlocutória, em síntese, fundou-se na irrazoabilidade do imediato cumprimento da reintegração de posse em prestígio ao direito social de moradia.

A Constituição Federal elevou ao patamar de direito fundamental ao meio ecologicamente equilibrado a tutela do bem ambiental, no artigo 225, ao exigir a preservação do meio ambiente ecologicamente equilibrado como obrigação da coletividade e dos Poderes Públicos, em prol das presentes e futuras gerações.

Não bastasse, a Constituição Federal prevê que cabe aos membros da federação instituir espaços especialmente protegidos para a preservação do meio ambiente, bem como eleva o bioma Mata Atlântica à categoria de patrimônio nacional, conforme, respectivamente, artigo 225, inciso III e § 4 da Lei Fundamental.

Com a edição da Lei Estadual 5.745, de julho de 1987, o local foi reconhecido como Área de Preservação Ambiental (APA). Em 31 de agosto de 2001, com a Lei Estadual 10.861, a área foi qualificada como Parque Estadual “Chácara da Baronesa”, cuja administração é exercida pela Coordenadoria de Parques Urbanos do Estado de São Paulo em conformidade ao Decreto nº 57.993 de 02/04/2012.

No Plano Diretor do Município de Santo André, Lei Municipal nº 8.696/2004, a área é delimitada como Zona Especial de Interesse Ambiental (ZEIA), cujo principal finalidade é a preservação e recuperação de suas características ambientais.

Por outro lado, deve-se esclarecer que a permanência dos réus no local, com a realização de atos comuns à vida doméstica, como a criação de animais e utilização de veículos automotores nas dependências do Parque, provoca turbacão ao meio ambiente e prejuízo à visitação da área.

Conforme informações prestadas pela Coordenadoria de Parques Urbanos já houve casos de ferimentos causados por mordidas de cães mantidos pelos agravos. Além disso, a situação atual de deterioração dos imóveis acarreta risco à fauna e à flora do parque.

Nesse sentido, a decisão ora agravada, a despeito de homenagear o direito à moradia dos ocupantes, viola frontalmente o direito difuso ao meio ambiente ecologicamente equilibrado.

Além disso, como exposto em sede de inicial, um dos agravados, o Sr. Roberto Loyola da Visitação, segundo despacho da própria administração do Parque, nem usa a área para a moradia, utilizando-a comercialmente, seja na condição de Haras para criação de animais, estacionamento de veículos e equipamentos pessoais, além de utilizá-lo para fins locatícios.

Caracterizado, portanto, o **ESBULHO POSSESSÓRIO** cometido pelos agravados ao ocuparem indevidamente bem público de valor ambiental, de propriedade da agravante, não cabendo invocar qualquer proteção possessória.

Por isso, o Estado de São Paulo ainda mantém a posse do bem injustamente ocupado, por ser ela decorrente de um dos poderes inerentes à propriedade, conforme definição do artigo 1.196 do CC. No mesmo sentido, segundo o artigo 1.204 do CC, os agravados nunca adquiriram a posse do imóvel, apesar de nele residirem, pois não exerceram em nome próprio qualquer dos poderes inerentes à propriedade.

Assim, seja qual for o tempo decorrido da invasão, ou ocupação, ou detenção, a posse da FAZENDA PÚBLICA permanece inalterada, pelo que pode requerer, a qualquer tempo, sua reintegração LIMINAR, não se sujeitando, pois, ao termo previsto no artigo 924 do Código de Processo Civil, não se podendo falar, contra ela, em posse de força velha, ou posse nova.

Nesse sentido, a jurisprudência está consolidada:

“É cabível a liminar, ainda que a moléstia à posse tenha ocorrido há mais de um ano e dia, se foi praticada por particular contra bem público de uso comum.” (Lex- JTA 147/45. In: THEOTONIO NEGRÃO, em notas ao art. 924, do CPC, no seu CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL e legislação. Ed. Saraiva, 27 ed. p. 589.)

AÇÃO DE REINTEGRAÇÃO DE POSSE 1) Indeferimento de liminar em ação de reintegração de posse de bem público, sob o fundamento de tratar-se de ação de força velha, à ultrapassagem de ano e dia (CC, art. 508 e CPC, art. 924); 2) Inaplicabilidade, contudo, da restrição temporal, em se tratando de ação possessória movida pelo Poder Público, vi-

sando a bem público; 3) Em se tratando de bem público sob o poder de particular, não se caracteriza posse, mas simples detenção, de maneira que não se cogita apenas em se tratando de posse apta a gerar direitos, pelo passar do tempo; 4) “Obiter dicta”: a) necessidade de regramento processual apropriado ao moderno Direito Público; b) desatualidade da distinção entre força nova e força velha; c) conveniência de supressão de diversidade dos procedimentos especiais; 5) Agravo provido, deferida liminar.” TJSJ-AI 193.570.5/3

REINTEGRAÇÃO DE POSSE. Decisão que denegou a liminar, pois a posse perdura por mais de ano e dia. Bem público que não pode ser objeto de posse, mas mera detenção. Concessão da liminar que não se submete ao requisito do art. 927, inc. I do CPC. Súmula 340 do C. STF. Precedentes. Decisão reformada. Recurso provido. (Agravo de instrumento nº 0304517-92.2011.8.26.0000, Comarca de Guarulhos, j. 22/05/2012, Relator(a): Claudio Augusto Pedrassi)

RECURSO DE AGRAVO DE INSTRUMENTO. REINTEGRAÇÃO DE POSSE. BEM PÚBLICO. LIMINAR.

POSSIBILIDADE 1. A ocupação de área de domínio público caracteriza mera detenção, de caráter precário, não gerando direitos possessórios. 2. Irrelevância de ser a posse de mais de ano e dia, podendo o bem ser recuperado a qualquer tempo. 3. Decisão reformada. 4. Recurso de agravo de instrumento provido. (Agravo de Instrumento nº 0107962-05.2011.8.26.0000, Comarca de Fernandópolis, j. 15/08/2011, Relator: Francisco Bianco)

AGRAVO DE INSTRUMENTO. REINTEGRAÇÃO DE POSSE. Liminar indeferida. Inadmissibilidade. Comprovado o esbulho de imóvel público por parte dos réus, é de rigor a imediata expedição de mandado de reintegração de posse, em observância ao art. 928 do CPC. A ocupação de bem público é mera detenção e não gera direito de posse. Recurso provido. (Agravo de Instrumento nº 0169572-71.2011.8.26.0000, Comarca de São Bernardo do Campo, j. 15/08/2011, Relator: Carlos Eduardo Pachi)

Enfim, caracterizado o esbulho, **a medida liminar** haveria de ser prontamente deferida, mas não foi o que ocorreu na espécie, o que justifica a interposição do presente recurso. Os fatos constitutivos do direito da agravante foram minuciosamente aduzidos na peça inicial, como também foram acostados documentos comprobatórios das suas alegações. Não haveria, assim, espaço para dúvidas quanto à obrigatoriedade de concessão da liminar de reintegração de posse.

Por outro lado, como restou demonstrado em sede de embargos declaratórios, o pedido liminar formulado pela ora agravante foi mais extenso do que aquele considerado na decisão embargada, contemplando além da rein-

tegração de posse os seguintes pedidos: a) proibição de circulação de veículos automotores no interior do Parque; b) proibição de realização de festas, churrascos e eventos afins no interior do Parque; c) determinação de retirada de todos os animais de estimação, cachorros, cavalos e assemelhados da área; d) determinação de retirada das carcaças de veículos e acessórios, bem como das cercas do entorno dos imóveis; e) determinação que os cachorros fiquem isolados em canil, com o uso de focinheiras todo o tempo, até sua retirada definitiva.

Dessa forma, impõe-se a reforma da decisão interlocutória recorrida, com o escopo de conceder-se a liminar para que os agravados, no prazo de 30 dias, desocupem o Parque Estadual Chácara Baronesa, inclusive com todos os bens e utensílios de sua propriedade, desfazendo obras e respectivos rejeitos, plantações e retirando animais que lhe pertençam.

Caso não cumpra a determinação de Vossa Excelência no prazo de trinta dias, requer a concessão liminar para que autorize o agravante a realizar a efetiva desocupação da área invadida pelo agravado e de todos os seus bens, demolindo obras e plantações, bem como retirando animais, com o auxílio da força policial, se for necessária.

Conjuntamente, requer-se a concessão de liminar para que os agravados cumpram, no prazo de 20 dias, as seguintes obrigações de não fazer: a) circulação de veículos automotores no interior do Parque; b) realização de festas, churrascos e eventos afins no interior do Parque; bem como cumpram, no mesmo prazo, as seguintes obrigações de fazer: c) determinação de retirada de todos os animais de estimação, cachorros, cavalos e assemelhados da área; d) determinação de retirada das carcaças de veículos e acessórios, bem como das cercas do entorno dos imóveis; e) determinação que os cachorros fiquem isolados em canil, com o uso de focinheiras todo o tempo, até sua retirada definitiva, com imputação de multa no caso de descumprimento de qualquer destes itens, no valor de um salário mínimo, por descumprimento, nos termos do parágrafo 4º, do artigo 461 do CPC;

V - DO EFEITO SUSPENSIVO ATIVO

A permanência dos agravados no imóvel objeto desta ação cerceia o direito de propriedade e de posse do Estado sobre o imóvel, além de violar direito difuso ao meio ambiente ecologicamente equilibrado e direito coletivo de livre circulação em bem de uso comum do povo, razão pela qual deve ser concedido o efeito suspensivo ativo ao agravo, nos termos do artigo 558 do Código de Processo Civil, já que aparente a lesão grave e de difícil reparação.

Além disso, conforme esclarecido em ofício da Coordenadoria de Parques Urbanos, o investimento dispendido pela Secretaria do Meio Ambiente no Parque Estadual Chácara da Baronesa, que alcança o montante de R\$ 5.532.961, 69 (cinco milhões, quinhentos e trinta e dois mil e novecentos e sessenta e um reais e sessenta e nove centavos) não será plenamente atendido, se a área não for prontamente desocupada pelos invasores.

É como ensinam Nelson Nery Junior e Rosa Maria de Andrade Nery:

“Caso a decisão impugnada seja de conteúdo negativo, como, por exemplo, o indeferimento de medida liminar, o relator pode conceder, liminar e provisoriamente, a medida pleiteada como mérito do recurso, atuando neste caso como juiz preparador do recurso. O órgão colegiado competente para o julgamento de mérito do recurso pode manter a medida concedida pelo relator ou revogá-la” (NERY JR., Nelson e NERY, Rosa Maria de Andrade. Código de Processo Civil Comentado e Legislação Extravagante. 11. ed. p. 1005/1006).

VII - DOS PEDIDOS

Diante do exposto, requer seja admitido e regularmente processado o presente Agravo de Instrumento, distribuído *incontinenti* ao Relator, para que este, inicialmente, liminar e provisoriamente, conceda efeito suspensivo ativo ao presente recurso, com o fim de que os agravos, no prazo de 30 dias, desocupem o Parque Estadual Chácara da Baronesa, inclusive com todos os bens e utensílios de sua propriedade, desfazendo obras e respectivos rejeitos, plantações e retirando animais que lhe pertençam.

Caso não cumpra a determinação de Vossa Excelência no prazo de 30 dias, requer a concessão liminar para que autorize o agravante a realizar a efetiva desocupação da área invadida pelo agravado e de todos os seus bens, demolindo obras e plantações, bem como retirando animais, com o auxílio da força policial, se for necessária.

Conjuntamente, requer-se a concessão de liminar para que os agravados cumpram, no prazo de 20 dias, as seguintes obrigações de não fazer: a) circulação de veículos automotores no interior do Parque; b) realização de festas, churrascos e eventos afins no interior do Parque; bem como cumpram, no mesmo prazo, as seguintes obrigações de fazer: c) determinação de retirada de todos os animais de estimação, cachorros, cavalos e assemelhados da área; d) determinação de retirada das carcaças de veículos e acessórios, bem como das cercas do entorno dos imóveis; e) determinação que os cachorros fiquem isolados em canil, com o uso de focinheiras todo o tempo, até sua retirada definitiva, sob pena de imputação de multa no caso de descumprimento de qualquer destes itens, no valor de um

salário mínimo, por descumprimento, nos termos do parágrafo 4º, do artigo 461 do CPC;

No mérito recursal, requer seja dado provimento ao presente Agravo de Instrumento para que seja reformada a r. decisão agravada, e reintegrada o Estado na posse dos imóveis esbulhados.

Por fim, requer sejam as intimações na fase recursal realizadas em nome desta subscritora e do Procurador do Estado Dr. Marco Antonio Gomes, OAB-SP 245.543.

Termos em que, pede deferimento.

São Paulo, 18 de dezembro de 2014.

JULIA CARA GIOVANNETTI
Procuradora do Estado
OAB/SP Nº 234.469

ACÓRDÃO

Vistos, relatados e discutidos estes autos do Agravo de Instrumento nº 2230302-09.2014.8.26.0000, da Comarca de Santo André, em que é agravante FAZENDA DO ESTADO DE SÃO PAULO, são agravados PAULO ROBERTO DE SCARINGE, SERGIO SALLES TANCREDO, HUMBERTO JUAREZ CANTINHO, ROBERTO LOYOLA DA VISITAÇÃO, ANDERSON MARCHIORO VASQUES e DOUGLAS PORSSEBON RIGO.

ACORDAM, em 5ª Câmara de Direito Público do Tribunal de Justiça de São Paulo, proferir a seguinte decisão: “Deram provimento ao recurso. V. U.”, de conformidade com o voto do Relator, que integra este acórdão.

O julgamento teve a participação dos Exmos. Desembargadores MARIA LAURA TAVARES (Presidente), FERMINO MAGNANI FILHO E FRANCISCO BIANCO.

São Paulo, 2 de março de 2015

MARIA LAURA TAVARES
Relator(a)

VOTO Nº 15.912**AGRAVO DE INSTRUMENTO Nº 2230302-09.2014.8.26.0000****COMARCA: SANTO ANDRÉ****AGRAVANTE: FAZENDA DO ESTADO DE SÃO PAULO****AGRAVADOS: PAULO ROBERTO SCARINGE E OUTROS***Juiz de 1ª Instância: Genilson Rodrigues Carreiro*

AGRAVO DE INSTRUMENTO. Reintegração de posse. Liminar indeferida. Área objeto da demanda que é pública, integrante do patrimônio do Estado de São Paulo. Presentes os requisitos previstos nos arts. 927 e 928 do CPC. Decisão reformada. Preliminar de não conhecimento do recurso: agravante que comprovou ter cumprido o art. 526 do CPC. Recurso que se amolda à forma de instrumento e não à retida (“caput” do art. 522 do CPC). Preliminares rejeitadas. Recurso provido.

Trata-se de Agravo de Instrumento com pedido de efeito ativo interposto pela FAZENDA DO ESTADO DE SÃO PAULO contra a r. decisão copiada a fls. 751-752 (complementada a fls. 758-759) que, nos autos da Ação de Reintegração de posse movida contra PAULO ROBERTO SCARINGE e outros, indeferiu a liminar pleiteada de reintegração na posse, sob o fundamento de que as alegações deduzidas pela demandante, cotejadas com os elementos constantes dos autos, não demonstram o risco de dano irreparável ou de difícil reparação, na medida em que o ato de detenção atribuído aos demandados é exercido há muitos anos e a área ocupada destina-se à moradia, não havendo, ainda, notícia de agravamento recente da intervenção no meio ambiente e produção de dano ao Parque Estadual “Chácara Baronesa”.

Alega a agravante, em síntese, que o Estado de São Paulo é legítimo proprietário do Parque Estadual Chácara Baronesa, localizado na divisa do Município de Santo André com São Bernardo do Campo, imóvel inscrito no 1º Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Santo André sob matrícula nº 6.195, e que o móvel foi tombado pelo Decreto Estadual nº 24.932/1986, sendo considerado pelo CONDEPHAAT patrimônio histórico e de proteção ambiental, sendo que com a edição da Lei Estadual 5.745/1987, o local foi reconhecido como Área de Preservação Ambiental (APA).

Aduz, que a área do Parque possui em seu interior cinco imóveis irregularmente ocupados pelos agravados, policiais aposentados e seus parentes, os quais desprovidos de qualquer tipo de autorização, ali passaram a morar como se donos fossem, sendo que referidos imóveis foram cercados e protegidos por cães ferozes, coibindo a entrada e a permanência de qualquer pessoa nas suas proximidades, o que restringe a visitação dos usuários do Parque e dificultando a sua administração.

Ressalta que, desde junho de 2012, a atual gestão do Parque tenta solucionar pacificamente a contenda, mas os réus se recusam a deixar os imóveis, sendo que em 11 de agosto de 2014, notificou judicialmente os réus (Processo nº 3013345-18.2013.8.26.0554), requerendo a desocupação dos imóveis no prazo de 30 dias, sem sucesso.

Afirma que, em 1º de setembro de 2014, foi distribuída a contranotificação judicial nº 1036145-88.2014.8.26.0053, promovida pelos réus em face da autora, alegando, sucintamente, que a ocupação dos imóveis não é fruto de invasão.

Diz que a inércia dos agravados na desocupação do imóvel até a presente data, sem qualquer título que lhes garanta a posse, ocupação por isso clandestina e irregular, caracteriza o esbulho possessório, conferindo à Administração o direito de reaver o imóvel por meio da presente ação.

Esclarece que a permanência dos réus no local, com a realização de atos comuns à vida doméstica, como a criação de animais e utilização de veículos automotores nas dependências do Parque, provoca turbacão ao meio ambiente e prejuízo à visitação da área.

Com tais argumentos, pede a atribuição do efeito ativo e o provimento do recurso, a fim de que seja concedida a liminar pleiteada, com a desocupação da área no prazo de 30 dias, e caso não seja cumprida a determinação judicial no prazo de 30 dias, requer a concessão da liminar para autorizar a agravante a realizar a efetiva desocupação da área invadida pelos agravados e de todos os seus bens, demolindo obras, plantações e retirando animais, com o auxílio de força policial, se necessário. E, conjuntamente, requereu: a) circulação de veículos automotores no interior do Parque; b) realização de festas, churrascos e eventos afins no interior do Parque; bem como cumpram, no mesmo prazo, as seguintes obrigações de fazer: c) determinação de retirada de todos os animais de estimação, cachorros, cavalos e semelhantes da área; d) determinação de retirada das carcaças de veículos e acessórios, bem como das cercas do entorno dos imóveis; e) determinação que os cachorros fiquem isolados em canil, com o uso de focinheiras todo o tempo, até sua retirada definitiva, com imputação de multa no caso de descumprimento de qualquer destes itens, no valor de um salário mínimo, por descumprimento, nos termos do § 4º do artigo 461 do Código de Processo Civil.

Foi concedido o efeito ativo pleiteado (fls. 770-773) e os agravados apresentaram contraminuta, ocasião em que arguíram preliminares: a) não seguimento do recurso por descumprimento do disposto no artigo 526 do Código de Processo Civil; b) não cabimento do Agravo na forma de instrumento, devendo o mesmo ser convertido em retido; c) ilegitimidade de Sergio Salles Tancredo para figurar no polo passivo da ação porque nunca residiu em um dos imóveis objetos

da demanda; d) reconsideração do despacho que deferiu o efeito ativo, concedendo a liminar de reintegração na posse. No mérito, requereram o improvimento (fls. 777-795).

É o relatório.

Inicialmente, fica rejeita a preliminar arguida pelos agravados, de não conhecimento do recurso, tendo em vista que a Fazenda Estadual comprovou ter informado o Juízo de 1º Grau a respeito da interposição do Agravo de Instrumento, dando cumprimento ao disposto no artigo 526 do Código de Processo, conforme se constata do “*print*” anexo (fls. 903-907 – fl. 904).

Outrossim, a hipótese dos autos se amolda à forma instrumental do recurso, e não à retida, como alegado pelos agravados, na medida em que a decisão agravada é suscetível de causar à recorrente lesão grave e de difícil reparação (“*caput*” do art. 522 do Código de Processo Civil).

No tocante à preliminar de ilegitimidade passiva do agravado Sergio Salles Tancredo, como a questão não foi objeto da decisão agravada, deverá ser arguida no Juízo de 1º Grau, a fim de que não haja supressão de uma Instância.

Quanto ao pedido de reconsideração, o mesmo fica indeferido, tendo em vista a inexistência dos requisitos legais a justificar a modificação do despacho de fls. 770-773.

No mérito, a pretensão de reforma da decisão que indeferiu a liminar comporta provimento.

Primeiramente, indiferente tratar-se de posse velha ou posse nova, uma vez que o instituto não mais tem importância para fins de concessão de liminar em ação possessória envolvendo terras públicas.

Outrossim, nos termos do disposto nos incisos I a IV do artigo 927 e “*caput*” do artigo 928, ambos do Código de Processo Civil, para a concessão de liminar em ação de reintegração de posse devem ser provados, com a petição inicial, a posse, o esbulho praticado pelo réu, a data do esbulho e a perda da posse.

No caso, se acham presentes os requisitos previstos no artigo 927 do Código de Processo Civil, pois a agravante provou a ocorrência do esbulho, tanto que notificou os réus para procederem à desocupação da área esbulhada (fls. 51-53). Além disso, demonstrou a posse e a sua perda, sendo a legítima proprietária da área (fls. 44-49).

O fato é que resta incontroverso que se trata o Parque Estadual de bem público, o qual, como é cediço, não é passível de posse, mas de mera detenção, pelo que independe de eventual ano e dia para a reintegração liminar de posse.

Estando demonstrado, de sobejo, que a área objeto da demanda é pública, integrante do patrimônio do Estado de São Paulo conforme inscrição no 1º Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Santo André sob a matrícula nº 6.195 (fls. 44-49) e, portanto, insuscetível de apropriação pelo particular, fica afastada qualquer alegação dos agravados em serem mantidos na área. Ademais, referido imóvel foi tombado pelo Decreto Estadual nº 24.932/1986, sendo considerado pelo CONDEPHAAT patrimônio histórico e de proteção ambiental, e reconhecido como Área de Preservação Ambiental – APA pela Lei Estadual nº 5.745/1987.

Assim, irrelevante o fato de que os recorrentes se encontram na área há anos, pois, como ressaltado, nunca receberam a posse da área.

Outrossim, a circunstância dos agravantes alegarem não terem moradia, não justifica a ocupação irregular da área, seja ela pública ou particular. Ao contrário, sua permanência na área restringe a visitação dos usuários do Parque e dificulta a sua Administração por quem é seu legítimo proprietário.

E o fato da Lei nº 10.861/2001 dispor em seu artigo 3º que “*as famílias que ocupam a área serão removidas e transferidas para moradias definitivas, nos termos a serem definidos pela Secretaria de Habitação*”, é questão que deverá ser debatida em ação própria e não pode servir de base para a pretensão de permanência dos agravados na área, já que tal não legitima a manutenção deles na área e tampouco induz à concessão da posse a eles.

Finalmente, cumpre ressaltar que se a Fazenda Estadual não tomou providência anteriormente para preservar bem de uso comum do povo, o está fazendo agora mediante a propositura da presente ação, na medida em que não logrou êxito de forma pacífica.

Portanto, presentes os requisitos para a concessão da liminar de reintegração de posse, fica reformada a decisão recorrida, restando mantido o efeito suspensivo ativo deferido a fls. 770-773.

Pelo exposto, pelo meu voto, rejeito as preliminares e dou provimento ao recurso.

Eventuais recursos que sejam apresentados deste julgado estarão sujeitos a julgamento virtual. No caso de discordância, esta deverá ser apresentada no momento da interposição dos mesmos.

MARIA LAURA DE ASSIS MOURA TAVARES

Relatora

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA 3ª VARA CÍVEL DA COMARCA DE GUARUJÁ/SP

DISTRIBUIÇÃO POR DEPENDÊNCIA

AO PROCESSO Nº 0000489-40.2009.8.26.0093 (Nº DE ORDEM 2029/2009)

3ª VARA CÍVEL – COMARCA DE GUARUJÁ

EMBARGOS DE TERCEIRO

REQUERENTES: JOSÉ PEDRO IRMÃO E MARIA APARECIDA ARAÚJO

REQUERIDO: MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

INTERESSADA: FAZENDA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

FAZENDA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO, pelo Procurador do Estado infraqualificado, dispensado de apresentar instrumento de mandato, “ex vi legis”, vem, respeitosamente, à presença de Vossa Excelência, opor seus

EMBARGOS À EXECUÇÃO

promovida nos autos em epígrafe por **JOSÉ PEDRO IRMÃO e MARIA APARECIDA ARAÚJO**, com fulcro nos fatos e nos fundamentos que a seguir passa a expor.

Conforme cópias anexas, a demanda foi julgada procedente, decorrendo condenação para pagamento de honorários advocatícios no montante de R\$ 2.000,00 (dois mil reais) referente a maio de 2011, nos termos da r. sentença de fls. 82-87.

Cabe ressaltar que em nenhum momento a Fazenda Pública do Estado de São Paulo foi citada para participar do feito e defender o interesse público.

Transitada a lide em julgado, decorreu a apresentação de planilha de cálculos pelos requerentes da ação, cobrando da Fazenda Pública do Estado de São Paulo o montante de R\$ 2.209,94 (dois mil e nove reais e noventa e quatro centavos) para fevereiro de 2013, nos termos da fl. 135.

Conforme os rr. despachos de fls. 130 e 134, a Fazenda Pública do Estado de São Paulo foi citada nos termos do artigo 730 do Código de Processo Civil, para oposição de embargos de execução no prazo de 30 dias.

A juntada da carta precatória de citação da ora embargante ocorreu em 10 de fevereiro de 2014, e o trintídio para oferta da presente encerra-se apenas em 12 de março de 2014, estando caracterizada a tempestividade destes embargos.

Ressalte-se que a apresentação destes Embargos à Execução fundamenta-se na ILEGITIMIDADE DE PARTE e no EXCESSO DE EXECUÇÃO, especificamente nos ditames dos artigos 741, incisos III e V, e 743, inciso I, ambos do Código de Processo Civil, posta caracterizada a OFENSA AOS COFRES PÚBLICOS ESTADUAIS, conforme se expõe abaixo.

(I)

PRELIMINARMENTE, cabe dizer que devem os presentes embargos ser **recebidos no efeito suspensivo**, cessando o prosseguimento da execução enquanto não resolvidas em definitivo todas as questões discutidas nestes autos, incluindo os julgamentos de todos os recursos.

Com efeito, há sólido entendimento no sentido de que o artigo 739-A do Código de Processo Civil não deve ser aplicado nas execuções contra a Fazenda Pública, pois não condizente com a sistemática disposta nos artigos 730, 731 e 741 a 743, do Código de Processo Civil.

Vale dizer, a execução por quantia certa contra a Fazenda Pública tem o núcleo de seu regime jurídico no artigo 100 da Constituição Federal e no artigo 730 do CPC.

As execuções propostas contra a Fazenda Pública seguem o rito previsto no artigo 730 do Código de Processo Civil, o qual é claro ao dispor que apenas com a não oposição dos embargos é que haverá a requisição de pagamento ao Presidente do Tribunal e na ordem de apresentação do precatório. Tal regra autoriza extrair-se o entendimento de que devem os embargos da Fazenda ser recebidos no efeito suspensivo.

Ora, a execução contra a Fazenda Pública é regida por procedimento especial, e para isto bastaria de início invocar o artigo 100 da Constituição Federal de 1988, análogo ao artigo 117 da Constituição de 1969, que vigorava na época da edição do CPC, para justificar a atitude do legislador processual ao instituir um procedimento executivo especial para realizar créditos pecuniários contra a Fazenda.

No entanto, não apenas estas justificativas histórica e constitucional embasam a assertiva da existência de regras e prerrogativas especiais da Fazenda nas lides satisfativas, que refogem às regras gerais.

A causa do procedimento especial repousa também no regime especial dos bens, verbas, rendas e demais patrimônios públicos. Em razão desse regime, a constrição imediata e incondicionada se revela inadmissível, não havendo penhora, apropriação ou expropriação de bens públicos para alienação judicial.

Daí que deve ser seguido o disposto no artigo 730 do Código de Processo Civil, passando a tratar o artigo 741 dos embargos à execução opostos pela Fazenda, embasando o entendimento de que continua a existir um processo autônomo de execução em se tratando de verbas públicas, mesmo com as diversas alterações processuais ocorridas até o presente.

De outra ponta, a Lei nº 8.953/1994 incluiu um § 1º ao artigo 739 do Código de Processo Civil, segundo o qual “os embargos serão sempre recebidos com efeito suspensivo”. Esta regra aplicava-se irrestritamente aos embargos opostos pela Fazenda Pública, obstando o seguimento da execução.

Com o advento da Lei nº 11.382/2006, o conteúdo do artigo 739 foi transportado para o artigo 739-A e seus §§, que, no entanto, trouxeram e modificaram várias regras processuais. Assim, opostos os embargos, não há mais a suspensão automática da execução, podendo o Juiz, a requerimento do embargante, atribuir efeito suspensivo aos embargos, presentes determinados pressupostos e condições previstas agora no § 1º do artigo 739-A.

Porém, o artigo 739-A não se aplica à execução contra a Fazenda Pública, pelos seguintes motivos:

(a) o efeito suspensivo depende de penhora, depósito ou caução, e a Fazenda não se sujeita a penhora, depósito nem caução, não precisando garantir o Juízo para opor embargos;

(b) a expedição de precatório ou requisição de pequeno valor depende do prévio trânsito em julgado (CF/1988, artigo 100, §§ 1º e 5º), de todos os recursos, fases e procedimentos processuais, e de sorte que somente pode ser determinado o pagamento se não houver mais qualquer discussão quanto ao valor executado.

Em outras palavras, o precatório ou a requisição de pequeno valor somente se expede depois de não mais haver qualquer discussão quanto ao valor executado, dependendo, assim, tal expedição, do trânsito em julgado que dirimir em definitivo os embargos.

Por mais esta razão, os embargos opostos pela Fazenda Pública devem, forçosa e logicamente, ser recebidos no efeito suspensivo, pois, enquanto não se tornar incontroverso e definitivo o valor cobrado, não há como se expedir o precatório ou a requisição de pequeno valor.

Destarte, fica evidente que a nova disciplina dos embargos à execução não se aplica de todo e deve ser adaptada à execução contra a Fazenda, que não só se submete a regime especial ainda vigorante, mas também à sistemática constitucional de expedição do precatório ou da requisição de pequeno valor.

Como tal expedição depende de prévio trânsito em julgado, é curial que os embargos devem, sempre, ser recebidos no efeito suspensivo, não se aplicando o artigo 739-A, “in totum”, à Fazenda, ao menos nas partes que colidem e se revelam incompatíveis com os dispositivos constitucionais e legais que embasam as prerrogativas da Fazenda.

Cabe acrescentar que, ao dispor, a parte final do artigo 730, a regra de que, apenas com a não oposição dos embargos, é que haverá requisição de pagamento ao Presidente do Tribunal e na ordem de apresentação do precatório, permanece válido o recebimento dos embargos no efeito suspensivo, na medida em que tal regra se insere neste mesmo efeito.

Sobre o assunto, ensina José Carlos Barbosa Moreira (in: “O Novo Processo Civil Brasileiro”, 25 ed., Ed. Forense, p. 270):

I. Execução contra a Fazenda Pública.

[...]

2. A estrutura do processo executivo, portanto, modifica-se aqui de modo considerável. Despachada a inicial, procede-se, como sempre, à citação do devedor; inexistente, todavia, a cominação de penhora para a hipótese de não pagamento em três dias, pois a pessoa jurídica de direito público, ainda que o quisesse, não seria lícito pagar de imediato, e os seus bens são impenhoráveis. A citação (que não pode ser feita pelo correio: art. 222, c e d) é indispensável à validade do processo; e a partir da juntada do mandado aos autos (art. 241, nº I) começa a correr o prazo de 30 dias, dentro do qual se poderão oferecer embargos (art. 730, caput, na redação da Lei nº 11.382).

Não sendo embargada a execução, ou desde que rejeitados os embargos, o órgão judicial requisitará o pagamento, através de precatório dirigido ao presidente do tribunal que houver proferido a decisão exequenda (art. 730, nº I; cf. o art. 100, § 2º, da Constituição da República).

Neste sentido, pedimos vênias para transcrever trecho do v. acórdão proferido pela Sexta Câmara Cível do E. Tribunal de Justiça do Paraná, no julgamento do Agravo de Instrumento nº 415867-6:

Cinge-se a questão sobre a incidência ou não das regras previstas no art. 730 e seguintes, do CPC no caso em espécie.

O Estado do Paraná é um Ente Político dotado de personalidade jurídica de direito público e como tal está sujeito às regras previstas no art. 730 e seguintes, do CPC, uma vez que não há disponibilidade sobre o interesse público inerente ao rito processual a ser adotado, por consequência, a presente demanda não pode seguir as regras executórias inauguradas pela Lei nº 11.382/2006, que acrescentou ao citado diploma processual o art. 739-A.

Nesse sentido, por oportuno, transcrevemos o escoreito pronunciamento ministerial de fls. 440-441: “Ao meu ver, tem razão a agravante ao sustentar que não pode ser aplicado o artigo 739-A do CPC às execuções contra a Fazenda Pública. É que a execução obedece a regras especiais e, mesmo ao havendo disposição específica acerca da eficiência suspensiva dos respectivos embargos com a inovação legislativa, é incompatível como o sistema de pagamento pela Fazenda Pública. Não houve, de modo claro, exceção feita através da Lei 11382/2002, para incidência do artigo 739-A do CPC para as execuções tratadas no artigo 730 do CPC. Contudo, como permanece a redação de tal dispositivo, no sentido de que, se a executada não opuser embargos no prazo legal, é que se desencadeia o procedimento para pagamento, tenho que deve prevalecer o entendimento de que, quanto à Fazenda Pública, não incide a regra da Lei 11382/2006.” (fl. 441).

Assim e porque perfeitamente viável a correção do rito procedimental para aquele estabelecido pela lei à Fazenda Pública, é de se atribuir o almejado efeito suspensivo aos Embargos do Devedor opostos pelo Agravante, conforme previsto no art. 730, do CPC.

Por tudo isto, é de se dar provimento ao recurso para, reformando a decisão hostilizada, atribuir efeito suspensivo aos embargos do devedor opostos pelo Estado do Paraná, em conformidade com o disposto no art. 730, do CPC.

Ressalte-se que a expedição de precatório antes do trânsito em julgado dos embargos à execução encontra óbice no parágrafo 5º do artigo 100 da Constituição Federal, alterado pela Emenda Constitucional nº 62/2009, o qual é expresso na sua redação:

Art. 100.

[...]

§ 5º É obrigatória a inclusão, no orçamento das entidades de direito público, de verba necessária ao pagamento de seus débitos oriundos de sentenças transitadas em julgado, constantes de precatórios judiciais, apresentados até 1º de julho, fazendo-se o pagamento até o final do exercício seguinte, quando terão seus valores atualizados monetariamente.

Conclui-se, portanto, que somente será possível executar-se, na forma especial do artigo 100 da Constituição Federal, uma decisão judicial transitada em julgado.

E o trânsito em julgado que autoriza a execução contra a Fazenda só pode ser o dos embargos à execução, superados, pois, os processos de conhecimento e o de eventual liquidação.

Ademais, o C. Superior Tribunal de Justiça julgou serem ineficazes os atos de liquidação eventualmente praticados antes do julgamento de recurso interposto de sentença proferida em embargos do devedor, pois sendo julgados improcedentes os embargos à execução, a sentença está sujeita ao duplo grau de jurisdição, “não produzindo efeito senão depois de confirmada pelo Tribunal” (Recurso Especial nº 166.793/SP).

Assim, pugna-se pelo recebimento dos presentes embargos no efeito suspensivo da execução, até o trânsito em julgado de todos os recursos e discussões tratadas, que sejam consequências dos mesmos embargos.

(II)

QUANTO AO VALOR PLEITEADO, PROPRIAMENTE DITO, temos que existe **ILEGITIMIDADE DE PARTE**, nos ditames do artigo 741, inciso III, do Código de Processo Civil, ao se cobrar da Fazenda Pública a verba de sucumbência.

Ora, quem atuou na lide e foi realmente condenado foi o Ministério Público do Estado de São Paulo, e não a Fazenda Pública do Estado.

A FAZENDA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO NÃO FOI PARTE NO PROCESSO, BEM COMO SEQUER FOI CHAMADA PARA INTERVIR NA LIDE E DEFENDER CONVENIENTEMENTE OS COFRES PÚBLICOS, E, MESMO ASSIM, FOI DETERMINADA SUA INCLUSÃO NA FASE EXECUTIVA E FOI CITADA PARA PAGAMENTO DA VERBA SUCUMBENCIAL.

O Ministério Público do Estado de São Paulo, nos termos dos artigos 127, § 3º, e 165, da Constituição Federal, artigos 93 e 174, da Constituição do Estado de São Paulo, bem como os artigos 3º e 4º, da Lei nº 8.625/93 (Lei Orgânica Nacional do Ministério Público dos Estados), DETÉM ORÇAMENTO PRÓPRIO e goza de autonomia funcional, administrativa e financeira, consubstanciada justamente na capacidade de elaboração da proposta orçamentária e de gestão titular da dotação.

Esta **autonomia** pressupõe a existência de dotações que possam ser livremente administradas, aplicadas e remanejadas pela unidade orçamentária a que foram destinadas.

Tal **autonomia** é inerente aos órgãos funcionalmente independentes, como são o Ministério Público e os Tribunais de Contas, os quais não poderiam realizar plenamente as suas funções se ficassem na dependência financeira de outro órgão controlador de suas dotações (MAZZILLI, Hugo Nigro. *Regime Jurídico do Ministério Público*. Editora Saraiva, 2. ed., p. 94).

E não merece vigorar o entendimento de que o Ministério Público não detém personalidade jurídica própria, de modo a vedar tal pagamento pelo próprio órgão litigante.

ORA, SE O MINISTÉRIO PÚBLICO POSSUI AMPLAS CONDIÇÕES DE ATUAR EM JUÍZO, DECERTO PODE ARCAR COM AS CONSEQUÊNCIAS DE SUA ATUAÇÃO, PAGANDO A SUCUMBÊNCIA.

Se possui o bônus, deve arcar com o ônus.

PORTANTO, O MINISTÉRIO PÚBLICO, EM SERENA E ISENTA ANÁLISE, TERIA CONDIÇÕES DE CUSTEAR O PAGAMENTO DA VERBA SUCUMBENCIAL.

(III)

Ainda QUANTO AO VALOR PLEITEADO, PROPRIAMENTE DITO, temos que existe **EXCESSO DE EXECUÇÃO**, nos ditames dos artigos 741, inciso V, e 743, inciso I, ambos do Código de Processo Civil, porquanto os credores apontam um débito de R\$ 2.209,94 (dois mil e duzentos e nove reais e noventa e quatro centavos) para fevereiro de 2013, nos termos da fl. 135.

Utilizam-se os credores, no entanto, a tabela equivocada para atualizar o débito de maio/2011 para fevereiro/2013, **porquanto deve ser utilizada a TABELA PRÁTICA PARA CÁLCULO DE ATUALIZAÇÃO MONETÁRIA DOS DÉBITOS JUDICIAIS RELATIVOS ÀS FAZENDAS PÚBLICAS**, em face da Lei nº 11.960, de 29 de junho de 2009, e da Resolução nº 510/2010, do E. Órgão Especial do E. Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

Oportuno mencionar que a Lei Federal nº 11.960, de 29/06/2009, em seu artigo 5º, alterou o artigo 1º-F da Lei nº 9.494, de 10/09/1997, disciplinando os critérios a serem adotados na atualização monetária e no cômputo de juros sobre todas as condenações judiciais, da seguinte forma:

Art. 1º-F. Nas condenações impostas à Fazenda Pública, independentemente de sua natureza e para fins de atualização monetária, remuneração do capital e compensação da mora, haverá a incidência uma única vez, até o efetivo pagamento, dos índices oficiais de remuneração básica e juros aplicados à caderneta de poupança.

A referida Lei Federal modificou a forma de cálculos em face dos débitos das Fazendas Públicas, como, aliás, assim foi reconhecido pelo E. Órgão Especial do referido Tribunal, que, para tanto, expediu a Resolução nº 510/2010.

Pela tabela correta, sobre o valor de R\$ 2.000,00, a ser corrigido de maio/2011 a fevereiro/2013, deve incidir os seguintes índices de atualização, respectivamente: 41,419676 e 41,923086, e não os mencionados pelos credores, à fl. 135.

O VALOR CORRETO, PORTANTO, NÃO É DE R\$ 2.209,94 PARA FEVEREIRO DE 2013, E SIM O DE R\$ 2.024,31 (DOIS MIL E VINTE E QUATRO REAIS E TRINTA E UM CENTAVOS), PARA FEVEREIRO DE 2013.

Existe uma diferença de R\$ 185,63 que, mesmo pequena, de qualquer modo é verba pública.

Assim, incorretos, nesta parte, os cálculos apresentados, sendo um fator de impugnação em virtude de excesso de execução.

Cabe dizer que no âmago da questão, afinal, estamos tratando de verba, economia e finanças públicas, dos princípios da indisponibilidade do erário e da moralidade no trato da causa pública.

Ou seja, estamos sob os auspícios da moralidade, da indisponibilidade das verbas e do patrimônio públicos, da supremacia do interesse público (de índole geral e difusa) e da exata aplicação do erário estatal, que, afinal, devem ser preservados.

E ainda não se pode olvidar que regem a presente demanda, mesmo que em fase executória, os princípios da ampla defesa, da ampla produção probatória e do devido processo legal.

Erário é coisa séria, que não se pode tergiversar. Todo o cuidado é pouco. Toda a vigilância é devida. Toda verba que sai dele deve ser bem, e fundamentalmente, gasta.

É de interesse geral, fundamental, difuso, primordial.

Por fim, oportuno ressaltar que as impugnações da Fazenda Pública deste Estado não são protelatórias e destituídas de razão e de comprovação.

(IV)

Assim, demonstrados os equívocos da fase executiva, ao se determinar a citação da ora embargante para pagamento de verba sucumbencial, na qual apenas o Ministério Público foi condenado, bem como ante o excesso de execução, tudo nos termos acima, a Fazenda Pública do Estado de São Paulo requer o recebimento dos presentes Embargos à Execução no **efeito suspensivo**, o devido processamento e, ao final, julgando-os **PROCEDENTES**, para **exclusão da embargan-**

te da lide satisfativa, determinando que o próprio órgão do Ministério Público oponha seus embargos e/ou efetue o pagamento da verba sucumbencial, ou, se houver entendimento diverso, que seja **reduzido o valor da execução** aos estreitos limites do título executivo judicial, determinando-se a correção dos cálculos nos termos acima apontados, para o montante de R\$ 2.024,31 (dois mil e vinte e quatro reais e trinta e um centavos), para fevereiro de 2013, condenando-se, outrossim, os embargados, nos ônus da sucumbência.

Requer-se ainda a **DISTRIBUIÇÃO DOS PRESENTES EMBARGOS POR DEPENDÊNCIA** ao processo nº 0000489-40.2009.8.26.0093, nº de ordem 2029/2009, da 3ª Vara Cível da Comarca de Guarujá, Embargos de Terceiro opostos por JOSÉ PEDRO IRMÃO E MARIA APARECIDA ARAÚJO em face do MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO.

Protesta comprovar o alegado por todos os meios de prova em Direito admitidos.

Acompanham os presentes embargos as anexas cópias de peças processuais consideradas relevantes e que se entende necessárias para uma análise mais profunda da questão, oferecidas sob responsabilidade deste patrono e sendo reprodução fiel dos autos, sem prejuízo de posterior juntada de outras que se configurarem pertinentes ao longo do procedimento judicial.

E por fim dá-se à causa o valor de R\$ 185,63.

Termos em que, p. deferimento.
Santos, 24 de fevereiro de 2014.

PAULO ROBERTO FERNANDES DE ANDRADE
Procurador do Estado - OAB/SP nº 153.331